

A SOMBRA INQUIETANTE DO DESEJO OU O TRIUNFO DA MORTE

Francisco Ramos de Farias

Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Psicanalista da
Sociedade de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora
frfarias@uol.com.br

Resumo: Aborda-se, nesse ensaio, um dos aspectos fundamentais na constituição do sujeito, quer dizer, o encontro com a imagem pelo mito de Narciso considerado em suas três vertentes: Ovídio (a morte pelo amor à imagem), Pausânias (a relação com duplo gemelar) e Plotino (o duplo no amor homossexual). Estabelece-se uma relação entre a duplicidade, o Outro, a diferença e a morte considerados os principais vetores do narcisismo. Segue-se a linha de que o narcisismo representa o amor de si mesmo e também a trilha que conduz o sujeito a uma outra modalidade de realidade dada pela imagem.

Palavras-chave: Narcisismo. Alteridade. Morte.

Abstract: This essay deals with one of the fundamental aspects of the subject's constitution: the encounter of the image through Narcissus' myth. This is considered through three aspects: Ovid (death as a consequence of the image); Pausanias (the relation with the double twin) and Plotinus (the double in sexual love). A relation is established amongst duplicity, the Other, difference and death, considering the main vectors of narcissism. It is argued that narcissism represents love for itself and also a path that leads the subject to another kind of reality, given by the image.

Keywords: Narcissism. Alter Ego. Death.

Introdução

*Ainda que o homem se angustie em vão, contudo ele
caminha na imagem.*

(Santo Agostinho)

Luz diurna: onde me levarás? Ao abrir as sendas de tão obscuras brenhas, por que me fazes confrontar à química e à hidráulica do êxtase amoroso, no convívio com as incessantes sombras que simulam vida? Em qual direção teu arrebatador movimento me encaminhará? Arranca, antes que a noite faça surgirem as trevas, do âmago de meu ser, os olhos para me privar do conhecer as ruínas que levarão à minha perdição. Mas, não! Deixa

essas luzes refletoras nas funduras de meu corpo, senão como poderei existir? São olhos vivos inventores, ilusionistas e contorcionistas que se lançam para cima, para baixo, ao redor, para o abismo da morte e para o ofuscar da luminosidade. Aquilo que vêem são os infinitos feixes da luz dispersos nas águas revoltas e indomáveis do desejo. Esforçam-se até o impossível para ordená-los, mas trazem a claridade à superfície para deixar, na imensa escuridão, o território insondável onde Netuno se faz soberano, regozijando-se daqueles que crêem ignorar seus destinos.

Os olhos nadam nas águas atraídos pelos mistérios nelas dissipados pela vontade desse indiferente Deus à dor do homem. Nas fontes, rios, oceanos, lagos e mares, escondem-se os espíritos das águas, ávidos para roubar a alma de quem, inadvertidamente, se deixam, nelas, refletir. Há, sabemos, uma condenação em captar o próprio reflexo nas águas: estas dispõem de um ímã que arrasta para as profundezas, sem que jamais haja retorno, o reflexo. O perigo em oferecer o reflexo às águas deve-se ao fato de que refletir significa inclinar-se para atrás.

As águas, por arrastarem para as profundezas os reflexos produzidos em sua superfície, simbolizam o escoamento e igualmente a fertilidade como indício de vida. Os olhos, por mais que queiram alcançar as profundezas, não ultrapassam as superfícies claras e brilhantes produzidas pela luz, sendo também constantemente aprisionados pelo mágico espetáculo das sombras. Reflexo, sombra e luz: eis tudo o que se esvai quando a noite enuncia as trevas. As trevas assustam quando escondem os espelhos que acendem na alma o desejo pela busca de um corpo, da distinção e da singularidade. Se a luz faz parceria com o espelho de luz, a sombra encontra-se também relacionada ao espelho, mas do lado das trevas. Não há sombra, nem espelho sem luz!

Dos mistérios emanados do domínio inalcançável das trevas, somente uma suposição: tentativa de acesso pelo saber. Brilho, feixe de luz e olho: espelho vivo criador de cenas nas cenas produzidas pela reluzente superfície das águas inquietas que, por seu incessante movimento, insinua e acena vida, ao mesmo tempo em que deixam transparecer a escuridão enunciadora do terreno sombrio da morte! Cada vez que a luz e as sombras são tragadas pela noite, o homem experimenta uma sensação de morte que se consuma no sono.

No afã de seguir os atraentes caminhos mostrados pelas superfícies claras e distintas forjadas pela luz, os olhos descredita das imagens por não mais querê-las ilusões: as imagens forjadas no espelho das águas traduzem-se em mistérios. Ante o movimento dos feixes infinitos de luz, simbolizador da queda da unidade na multiplicidade, os olhos fazem seus os fragmentos para abrigá-los no seio da reflexão. Da coisa mundana realizam apenas o bordejar, sem, no entanto, jamais apreendê-la em sua totalidade. Rompem com o brilho

especular do espelho das águas de outrora e de agora, de modo a ignorar que capturam, nelas, aquilo que vem de alhures. Mergulham no mais intrigante mistério que somente o desfiladeiro das sombras de luzes pode retratar. Querendo alcançar o reino de Netuno, testemunham o desaparecimento das cores e se retraem à superfície ante o espetáculo majestoso das imagens que oferecem coisas desejáveis e longínquas. Clamam aos deuses que iluminem os bosques sombrios para neles dissolver os mistérios. Clamam pelo esvaziar dos mares. Assim serão destruídos os empecilhos à luz e as radiações poderão alcançar os mais longínquos recônditos dos mistérios e da perplexidade.

Falta aos olhos o poder de fazer as águas revelarem seus mistérios. Sua indiferença causa aos olhos sua maior dor. Impotentes para domá-las, em seus sinuosos movimentos que acolhem a luz e produzem belezas incomparáveis, reconhecem nelas o mais desejável lugar de repouso. É doce ter nas águas o amparo ao corpo e o último refúgio, para ter a garantia de, pelo menos, uma filigrana de vida. É preciso haver luz nas águas para a alma desejar se apoderar do corpo. Privar o homem de encontrar a vida nas águas é impedi-lo de prosseguir no trajeto de sua existência! A terra é somente a última e inevitável morada: *pulsis et umbra sumus!* Somos somente pó e sombra quando devolvidos a terra pela morte. Daí as sombras apresentarem o lado fantasmagórico e demoníaco. Sabemos, tristemente, que ao morrer, que ao sermos condenados a ser sombras eternas capazes de assustar aqueles que ainda se regozijam de serem banhados pela luz, perdemos a sombra. Resta-nos ser, apenas, assombrações!

A terra é somente escuridão, as águas são o lugar de acolhimento da luz que cativa os olhos. O olhar que testemunha o espetáculo fascinante da vida traz a triste sentença ao homem. Seu destino é o de ser tragado pelas águas e dissolvido pela terra, solo desconhecido, do que não pode mais se esquivar em sabê-lo! Mesmo sendo tragado, as águas ainda o reportam a vários pórticos. A terra o plasma e o desintegra, gradativamente, reduzindo-o a pó!

Para viver é preciso o encontro com as águas. Delas surgem os mistérios que incitam o homem a desvendá-los. Afinal há existência no espelho das águas da infância, do agora e de sempre! Sede de água, vontade de amor, caminho de vida e pegada de existência. Não há como ser diferente: vida combina com água, claridade, imagem, espelho e luz! Caso fosse possível ao homem, não hesitaria pronunciar: calem-se, seres maus que absorvem a luz; desapareçam, terríveis deuses que cultuam, cultivam e dão permanência às trevas!

Estamos em plenas águas. Encantamo-nos em flertar a vida! Luz e movimento; movimento e água; água e reflexo; reflexo e imagem, imagem e olho; olho e Narciso; Narciso e arrebatamento; arrebatamento e morte; morte e metamorfose; metamorfose e eternização; criação e morte! Com Narciso entramos no espelho enigmático onde somente encontramos o mundo mágico das imagens, dos reflexos, do duplo, do desejo e da força incontrollável que

arrasta a imagem para as profundezas obscuras das águas. Façamos uma viagem dantesca e mergulhemos, com Narciso, no terreno obscuro e desconhecido das sombrias e transparentes águas, para nos depararmos com a travessia da luz à escuridão: *Acheronta movebo!* Seremos engolidos pela escuridão no capricho da vontade de tão impiedoso Deus: Netuno. Encorajemo-nos para mergulhar na claridade que se insinua nas trevas. Fascinante enigma traduzido em vida, mas que é, ao mesmo tempo, algo tão inumano, a imagem: aquilo que engana, ilude e causa perdição. Eis o caminho por onde devemos começar a procurar a personagem que, criando sua própria história e apesar de sua singularidade, faz ressonâncias à história de cada ser falante. Diante do espelho, uma personagem e seu reflexo: Narciso, aquele que dorme, conforme a significação de seu nome. Começamos situando de quem se trata e indiquemos que Narciso é aquele que traz em si um segredo que jamais se desvendou e que nos leva à simbólica das águas: lugar de fertilidade, espaço onde se produz a reflexão sugestiva da morte, mas também condição *sine quan non* de vida.

São conhecidas três versões do mito (BRANDÃO, 2003), a de Ovídio em “Metamorfoses”, a de Pausânias em “Philostrate” e a interpretação filosófica de Plotino em “Traité”. Nelas, encontramos um ponto em comum: a relação com o duplo decorrente do encontro com a imagem!

Em Ovídio (1995), Narciso morre pelos seus próprios olhos ao se deparar com sua imagem, tendo realizado o encontro com a duplicidade e sendo atraído de forma irresistível pelo espetáculo de beleza que se produziu com a sua chegada.

Na interpretação de Pausânias (GRIMAL, 1982), a morte de Narciso deve-se à sua busca pela irmã gêmea que morreu muito jovem e de quem estava perdidamente enamorado. Devotado ao intenso amor dedicado à sua irmã, Narciso, inconsolável após sua morte, confina-se na solidão. Ao ser capturado pelos seus olhos nas águas da fonte de Téspias, acreditou estar diante da irmã, o que exerceu nele a atração irresistível de não mais conseguir se afastar daquele lugar. Assim realiza o engodo acreditando que o encontro com as águas devolver-lhe-ia a irmã. Tal encontro prefigura o amor incestuoso, remete ao duplo, pois é sabido que sua irmã o espelhava pela aparência física, pelo modo de vestir e de andar. Sem poder mais abandonar a fonte, definha e morre de tristeza, padecendo de uma profunda melancolia. Enfim, a versão de Plotino (1990) discorre sobre uma modalidade homossexual de amor de Animias por Narciso. Por não ter sido correspondido, Animias cometeu o suicídio por enforcamento. Há um outro desfecho desse mal sucedido amor. Conta a lenda que Narciso, ao se ver presa do amor de Animias, mandou-lhe de presente uma caixa. Encantado com o presente, Animias é subitamente surpreendido ao abri-lo, tomando ciência de que seu conteúdo era uma espada. Diante de tal revelação, compreendeu o que devia fazer e cometeu o suicídio, degolando-se.

Em todas as versões encontramos a questão do mesmo e do duplo, da dissociação entre visão do exterior e do interior, da impossibilidade de dosar o amor do mesmo com o amor dirigido ao outro, da inversão de posições amante e amado e da impossibilidade de enunciar e receber o amor. Na interpretação de Plotino, se atentarmos para a estrutura do amor homossexual, sabemos que o prefixo *homo* tem a conotação de igual, encerrando assim a questão do encontro com o mesmo.

Elegemos o mito por acreditar que assim trilhamos pelo inacessível chão, reunindo filigranas sobre a constituição do sujeito, pois “os mitos, lendas e contos de fadas são o tesouro popular que contém as construções da psicologia dos povos. É provável que sejam vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem”. (FREUD, 1908/1993, p. 134).

É preciso ser paciente, pois a imprudência poderá nos fazer perder a bússola e assim nos confundirmos, tratando nossa imagem como uma realidade não ilusória, tendo o mesmo destino de Narciso! Distanciamo-nos de Narciso para que possamos vê-lo em cada um de nós! Há, nele, a atração incontrolável pelo movimento das águas, que o arrasta, irremediavelmente, ao abismo criado pela ilusão narcotizante e inebriadora de desejar a si mesmo. Submerso em total engano, não há mais nenhum interesse pela entrega ao contorcionismo do viver, frente à árdua tarefa destinada a cada falante: desinvestir a própria imagem e não se confundir com a ilusão dela decorrente. Seu engodo foi escolher o objeto que acende as chamas ardentes de sua paixão. Narciso violou a lei maior que ordena dirigir os impulsos amorosos àquilo que não seja somente o si mesmo. Mas, como podia Narciso passar incólume pela atormentadora paixão quando descobriu, na face humana, a beleza arrebatadora? Não sabia que o objeto de seu amor era a sua própria imagem. Condenado por não ter esse saber, restam-lhe o desespero e a morte. Não obstante, não poderia retirar a vida de sua própria imagem por não saber que se tratava de uma imagem, pois era “o elemento do fogo que ele próprio acende”. (OVIDIO, 1995, p. 17). Assim sendo, Narciso, diante de difícil encruzilhada, não pôde mais abandonar essa imagem, pois nesse encontro, fora capturado pelo sublime que ali se produziu. Perdido nas chamas ardentes do amor e irresistivelmente apaixonado pela imagem, tão bela, tão fascinante e tão mortal, quantas vezes inclinou-se “para segurar seu pescoço ali refletido, inutilmente, mergulhou os braços na água” (OVIDIO, 1995, p. 19). Extasiado e paralisado, acaba por definhando e morrer! Ironia do destino: filho das águas não poderia seguir outra trilha a não ser morrer no encontro com as águas, oferecendo seu corpo para ser acalentado pelos seus doces e ternos movimentos. Morte pelo amor à beleza! Perda e perdição na ilusão de que o amor, essa centelha de vida, além de causar sofrimento e dor, encaminha o Ser para a morte.

Eis o enigma que nos leva aos elementos fundamentais da estrutura organizada em torno do belo: a filiação de Narciso, o oráculo, a metamorfose, a narcose, a punição de belo indiferente e a crença no poder maléfico das superfícies cativantes das águas que, na forma de atração

irresistível, fizeram Narciso confundir-se e perder-se irremediavelmente em seu duplo. Nascido nessas circunstâncias, já estava predestinado à falta de comedimento que tem na morte a única forma de punição. Sem dúvida, o descomedimento de Narciso era a inigualável beleza desafiadora e causadora de ciúmes aos deuses. Não poderia haver, entre os mortais, alguém de extraordinária beleza. Somente viu essa beleza, numa imagem tentadora e fugaz, que produziu em seu ser, um imenso ardor à medida que lhe atravessou os olhos. Quis alcançá-la, mas fracassou, pois sempre que tentou fazê-lo encontrou-se diante de uma quimera. Também pudera! Filho do acontecimento brutal causado pela insaciável energia sexual do rio Céfiso, por cujas margens, ninfa nenhuma passava incólume. Chegou a vez de a inadvertida Liríope querer banhar-se nas límpidas e cativantes águas, momento em que foi tragada pelo desejo sexual do indomável rio. Como resultado, uma gravidez penosa, inesperada e indesejável; mas o parto foi vivido com júbilo seguido de enorme apreensão quando o rebento deixou transparecer sua face ao mundo. Surpresa e temor: não seria possível haver um menino de tamanha beleza. Beleza fora do comum, razão de assombro e condenação, pois teria que, doravante competir com os deuses. Desafiador impertinente! No mundo dos mortais não poderia haver lugar para tamanho afronto. Excesso de beleza, causa da fúria dos deuses!

Narciso tinha como referência as águas: nascido da vontade incontrolável de um rio e do descuido de uma ninfa. Mas sabemos que devia ser do conhecimento de Liríope o destino das ninfas que se banhavam em tão transparentes águas. Narciso fora capturado pelas águas porque esse espelho vivo o fascinava, de forma atormentadora, dominando-o, condenando-o à alienação, na perda de si, quando o tornou vítima do encantamento. O espelho vivo que o invadiu e, invade também o tempo, comporta a possibilidade de o sujeito “mover-se num espaço antes do tempo” (PONTALIS, 1978, p. 27). Eis a atemporalidade que coloca Narciso no lugar daquele que não sabe o que vê. É tão somente uma miragem de potência aquilo que o aprisiona na eternidade, conferindo-lhe um caráter megalomaniaco de encantamento, na relação dual mortífera, de si mesmo, com sua imagem. Não há mais recorrência aos deuses, nem apelos aos companheiros: basta-lhe sua imagem que o conduzirá da vida para a eternidade da morte petrificando-o num espaço pelo plasmar do tempo. Seriam então as águas um espelho? Salientemos: um espelho da paixão mortífera, ou seja, um espelho mágico e misterioso que reflete a paixão da morte pelo amor impossível?

Informa-nos a narrativa mítica que, após ver a beleza incomum de seu filho, a mãe, de tão apressada, não pensou, duas vezes, em levá-lo à presença do adivinho Tirésias, movida pelo maior dos desesperos, temendo o que iria ocorrer, certa de que seu filho, pela beleza incomum, não teria sossego: seria amado pelas deusas, pelos jovens e pelas ninfas. Resolveu buscar um bálsamo para seu espírito conturbado, não hesitando em seguir o caminho que todos tinham como meta em tais circunstâncias: o oráculo. O temor em saber o destino da vida de seu filho levou a mãe ao encontro com a letra das profecias para ouvir sobre o destino do mais belo dos mortais: a punição com a morte, caso tentasse saber de si no amar a si mesmo.

É mister salientar a razão pela qual Tirésias foi agraciado com o dom de adivinho. Tirésias, o cego que faz predições, de quem não se pode duvidar, presenciou a cópula de serpentes. Na primeira vez, separou-as e matou a fêmea, tornando-se, por isso, uma mulher. Na segunda vez, sete anos depois, separou de novo as duas serpentes que copulavam, matando o macho e com isso tornando-se um homem. Assim diferenciou-se como quem sabe o que é ser mulher e também o que é ser homem. Esse ser, que tinha a experiência dos dois sexos, representava um grande perigo: poderia desvelar o segredo dos mesmos. E foi exatamente o que aconteceu: revelação de um segredo, cegueira como punição e o dom de adivinho como recompensa. Dali em diante suas palavras indicam sentenças irrecorríveis. Leiam-se e cumpra-se o destino! Cegueira e poder de adivinho são as conseqüências de um castigo e de uma compensação.

Por ter conhecido o segredo dos dois sexos, revelou a Zeus, em forma de escárnio, na presença de Hera, o segredo do ser mulher. Sua desventura foi a de revelar, ante uma polêmica do nobre casal, quem teria mais prazer no ato de amor. Tirésias responde, prontamente, que, de dez parcelas, a mulher teria nove e o homem apenas uma, pois conhecia, muito bem, as formas de prazer do homem e da mulher. Nesse instante, Hera tomada de fúria o cegou, pelo fato de ser sido decretada a superioridade do homem. Para compensá-lo, Zeus concedeu-lhe o dom da profecia e o privilégio de viver sete gerações entre os mortais.

Não esqueçamos que é a mãe quem leva Narciso para ouvir a profecia anunciadora de sua própria morte. Advém a profecia do oráculo na voz de Tirésias que, ao ser consultado, pela mãe, sobre se o tempo de vida de seu filho seria longo, obtém como resposta um lacônico sim seguindo de um “enquanto não se vir a si mesmo” (OVIDIO, 1995, p. 22). Eis o seu grande drama: o problema da visão. Aliás, a mesma visão que em Tirésias foi dissociada, encontrar-se-á igualmente dissociada em Narciso sob a forma de amar o impossível. Tirésias somente capta as imagens de seu interior. Sua visão é aquela que se realiza de dentro para fora. O adivinho que profetiza o destino de Narciso anuncia a cruel sentença na qual o desfecho será o aprisionamento à imagem que vem de fora dissociada de qualquer ligação com o que se forja no âmago do ser. Sem ligar a beleza captada pelos olhos ao exercício do pensar, Narciso recebe a maior das condenações que podem recair sobre o homem: a de viver sem saber de si. Na verdade não era um saber qualquer que devia ser ocultado de Narciso, mas o saber de que a beleza restituída pelo espetáculo produzido pelo olhar era apenas uma ilusão. A advertência de que não se visse, não o protegeria de não ver tudo, visto ser bastante vulnerável aos mistérios escondidos no movimento das águas; criados pelas sombras e trevas dos terrenos funéreos da morte.

Impasse doloroso para uma mãe: ter um filho que, para viver, não poderia saber de si. Isso seria sustentar o perigo ilusório de esconder a angústia que faz do ser um ser-para-a-morte. Triste sentença e tamanho desatino para uma mãe, a de que, para seu filho viver, seria necessário jamais se conhecer. Estaria ao alcance dessa mãe lutar contra forças sobre as

quais não tinha nenhum domínio, privando seu filho de sentir sede? De que serviria a Liríope ter um filho que nunca se conhecesse? Ao ouvir a sentença, Liríope conclui ser desatino a árdua tarefa de ler o próprio destino de seu filho, proferido em tom oracular por Tirésias, sem poder mudar-lhe a sorte. Difícil e mortal encruzilhada: como viver sem se conhecer? Esse seria o preço a ser pago por Narciso: condenado a uma forma de existência sem existir. Um grande malogro! Como seria viver sem se ver? Seria o negativo do existir ou a própria inexistência? (FONTES, 1998). A sentença de Tirésias enuncia, para Narciso, um destino funesto: confina-o ao desconhecimento obscuro das trevas e ao ofuscamento pela imagem. Diante de tal dilema restou a Narciso viver sem se conhecer ou se conhecer para a morte. Sabemos do desfecho que significou a escolha de Narciso. Mas é comovente nos deliciarmos com a superfície translúcida das águas para fugir das obscuridades das profundezas e assim bebermos das fontes que jorram das enigmáticas palavras de Ovídio: “extasiado diante de si mesmo, sem mover-se do lugar, o rosto fixo, absorvido com este espetáculo, Narciso parece uma estátua de mármore”. (OVIDIO, 1995, 23).

Não tardou muito e o belo filho do rio Céfiso foi alvo de grandes e atormentadoras paixões. Jovens e ninfas, como temia Liríope, estavam irremediavelmente presas à beleza de Narciso, insensível a todos e a todas. Extraordinariamente belo, porém belo indiferente, Narciso foi amado, em sua adolescência, por muitos, entre os quais a ninfa Eco, que se prestou a servir Zeus ante as desconfianças de sua esposa por suas constantes viagens ao mundo dos mortais. Desesperado por ter sido presa do ciúme de Hera, Zeus recorre à ninfa Eco, quando se lembra de sua tagarelice, para assim ter sua esposa ser distraída. Zeus pôde dar seus passeios de caráter amoroso, contando com o ardil de distrair sua esposa com companhia de Eco. Mas Hera, defensora dos amores legítimos, desconfiou. Enfurecida, sabedora da loquacidade de Eco, condenou-a a não mais falar, repetindo apenas os últimos sons das palavras que, por ventura, viesse a ouvir. Assim, Eco foi castigada por favorecer os amores de Zeus. O castigo suplicado aos deuses, para quem favorece os amores de um deus com mortais, foi prontamente atendido.

Eco estava perdidamente apaixonada pelo mais belo dos jovens, sem ser jamais correspondida, mas isso não a impediu de encurralá-lo ao desfiladeiro da morte! Bela ninfa, conhecida pelos dóceis sons de sua voz e pela arte de ser hábil instrumentista: eis suas notáveis qualidades além da grande paixão! Vivendo nos recônditos de um bosque recusa o amor de deuses e também dos mortais. Por isso, é alvo do ódio e da cólera de muitos deuses, especialmente Pan, que conhece, sem rodeios, a rejeição de seu amor. Indignado com tamanha afronta e tomado de ira, ordena a seus pastores que despedacem Eco, espalhando seus pedaços em lugares bem distantes, sem que jamais fosse possível reuni-los. Tal despedaçamento deveria ser eterno de modo que nenhum pedaço pudesse estar próximo ao outro. Triste sina a de quem é indiferente ao amor de um deus! Gaia piedosamente, a deusa terra, recolhe pedaço a pedaço mas, sem ter condições de reorganizá-los para obter o arranjo anterior, consegue somente conservar a sua voz e o dom de imitar a todos, repetindo os sons.

Eco, indiferente ao amor do deus Pan, é rejeitada por Narciso, que nada sabia sobre a reciprocidade do amor. Com o passar do tempo, torna-se desgostosa, sem ânimo para viver, pára de se alimentar, afasta-se do mundo, transformando-se num rochedo de pedra, sendo apenas uma voz sem corpo a repetir infinitamente os últimos sons daquilo que vier a ouvir.

Certa vez, Narciso parte para uma caçada com seus companheiros. Eco o viu e logo se apaixonou pelo jovem de inigualável beleza, mas sem poder enunciar seu amor, além do que lhe restava agora somente a faculdade de ver sem poder ser vista: uma voz sem corpo! Seguiu-o, de forma tenaz, atenta a todos os seus movimentos, perseguindo-o durante muito tempo, à espera do momento oportuno. Por um voluntário descuido, pois de nada adianta querer afastar-se das trilhas do destino, Narciso desviou-se dos amigos e, se sentido perdido numa paragem, começou a gritar: “ninguém me escuta”, ao que tem como resposta “escuta”. Narciso clama “vem” e ouve a repetição desse mesmo som da boca de Eco. Na seqüência de respostas dadas por Eco a Narciso, chegamos finalmente ao momento crucial em que Narciso clama “reunamo-nos”, que tem como resposta o imperativo “unamo-nos”. Em seguida a essa repetição, temos a aparição de Eco que é prontamente rejeitada, a quem Narciso pronuncia as palavras fatais: “eu morrerei, antes que uses de mim à tua vontade”, tendo como resposta estonteante e inquietante: “use de mim, a tua vontade!” (OVIDIO, 1995, p. 13). Atônito e perplexo Narciso busca em vão o encontro com essa voz na crença de que, assim, chegaria aos seus amigos. Eis o maior desprezo a Eco que, de tamanho sofrimento, ver-se-á transformada em ossos que viram pedras que ecoam, para sempre, uma viva voz.

As demais ninfas, não suportando a indiferença, a insensibilidade e a frieza de Narciso ao amor, recorrem à deusa Nêmesis (deusa do amor, da medida e da vingança), suplicando vingança por tal atitude. A mensagem do pedido das ninfas revoltadas era a de que Narciso viesse a amar da mesma forma que foi amado, sem jamais ser correspondido. Em razão do desprezo de Narciso por quem o amava, essa implacável deusa castigou-o, destinando-o a morrer pelo amor impossível.

Eco era aquela que amava, mas que se lançou num jogo de forças duplamente impossível: ser mulher e inverter as posições entre amar e ser amada. Narciso, incapaz do domínio de si mesmo, rompe com as prescrições de que, no amor, deve haver a partição e a reciprocidade. Entrega-se ao excesso de uma imagem sem ter nenhum interesse pelo outro. Contemplando uma imagem pura e bela, acredita ser corpo o que se produziu na água. Abdica de sua atividade para ser a eterna presa passiva de uma imagem. O desfecho é assaz trágico: Eco condenada a não mais falar e Narciso a nunca se ver. Narciso é um excesso do ver da mesma forma que Eco é um excesso do enunciar, ambos escravos abatidos pela derrocada das ardentes paixões. Perdidos no vazio, Narciso pela contemplação da imagem e Eco pelo alimentar da repetição infinita, estariam inviabilizados do encontro com o semelhante. Por isso, restou-lhes somente a morte.

Fascinação sem esperança, naufragando no mundo das aparências; repetição infinita que não se lança além dos umbrais das superfícies das ondas sonoras: eis, postos lado a lado, Narciso e Eco. Mas, deixando de lado a indiferença e a frieza do jovem auto-suficiente, Narciso é a vítima da ilusão de que a imagem e a sombra são realidade. Da mesma forma, Eco é também vítima de ser colocada entre um casal para distanciá-los, pelo exercício das palavras, que enquanto enganam Hera permitem a Zeus prazeres mundanos com mortais com quem viveu ardentes viagens amorosas.

Após um dia de longa caminhada, sob os raios do sol brilhante e ardente, ao aproximar-se de um rio, e isso era inevitável visto ter de matar sua sede, subitamente Narciso se viu diante de um reflexo e caiu apaixonado por si mesmo, atraído pelo belo reflexo de sua própria imagem. Debruçou-se sobre o límpido espelho das águas da fonte de Téspias e, inevitavelmente, viu-se. Mas o que viu, senão a própria imagem e a própria sombra refletidas no espelho das águas da fonte? Viu-se e não mais pôde sair dali: apaixonou-se pela própria imagem e assim Nêmesis cumpriu sua maldição. Amou profundamente a sua imagem numa espécie de amor incestuoso que lhe causará a morte, punido pela contemplação desse duplo de si, confundido na sua própria imagem.

O encontro com o espelho das águas levou Narciso ao êxtase, sem saber que a sombra que via era apenas um efêmero reflexo, enganado por seus próprios olhos que, ao se lançarem ao espelho, não reconheceram tratar-se ali somente de uma miragem. Mas indaguemos: o que vê Narciso, senão a beleza forjada, pelo olho, para o campo, o liso, as vácuas, aberto para o sol, água limpíssima, à dispersão da luz? (GUIMARÃES ROSA, 1964). Por não saber que as águas refletem e também por não saber que um reflexo é apenas um reflexo, Narciso se imobiliza numa fixidez mortal. Apesar de inerte, ocupa-se ainda de cuidar do movimento da luz e, assim, engana-se pelo espetáculo produzido pelo movimento das águas, que lhe trazem um precipício: o abismo da vacuidade da morte. Espetáculo atroz que captura Narciso numa infinita rede de reflexos e sombras. Ao reflexo dedica o amor, mas também a vida, embora não consiga escapar à morte. No aprisionamento da profecia que o condenou a não se conhecer, Narciso se entrega a uma escolha assim expressa nas palavras nietszchianas: “o melhor é não existir e em segundo lugar morrer logo” (NIETZSCHE, 1977, p. 42). Condenado a morrer por ter se conhecido, resta-lhe o amor antes da morte, mas uma forma de amor intensa e mortífera voltada para o si mesmo. Sabemos que o destino funesto da sentença de Tirésias é o amor que poderia levar Narciso, como o fez, à destruição. Se Narciso não podia se conhecer para não se amar, que vida seria esse viver?

A trilha aberta pelo oráculo nos sugere que entre o conhecer-se e a morte encontramos o amor. Certamente Narciso morreu porque se conheceu e não porque se amou desesperadamente! Eis a tragédia do conhecimento: uma vez tendo se conhecido, o homem nada mais pode fazer para evitar seu destino: a morte. Narciso é o próprio artesão de sua morte, ao arder no fogo aceso por si mesmo, dedicando-se à sua imagem e ao seu reflexo, por

ser a única fonte dos ardores que sente. Sem dúvida, Narciso constatou nas águas mortíferas que “o objeto de seu desejo não existe” (OVÍDIO, 1995, p. 24), pois no que tange ao amor a si mesmo basta um pequeno movimento ou uma virada para que tal objeto desapareça. Aliás, seria o próprio Narciso quem provocaria seu desaparecimento: “a sombra que vê é um reflexo da sua imagem, ela é nada por si mesma” (OVÍDIO, 1995, p. 25). Com isso, restaram-lhe somente as alternativas do amor e da morte. Ao amar demasiadamente sua imagem, e por tentar sê-la de forma radical no sentido de encurtar, ao máximo, a distância entre ela e si mesmo, Narciso morre realizando um amor impossível. Tenta apropriar-se da imagem, mergulhando nas profundezas, sem retorno, do espelho das águas, visto que tal imagem bela e extasiante “aparece com ele, permanece e desaparece com a sua partida se Narciso tivesse a coragem de partir” (OVÍDIO, 1995, p. 25). Trágico seria para Narciso, agora se afastar de sua imagem. Restou-lhe assim o estado de perdição na contemplação de si mesmo. Amor cruel, que abole a fome, a sede e o sono. (COELHO, 1986). A consequência é-nos indicada: consumindo-se, de forma mordaz, num amor impossível, definha prisioneiro de uma paixão avassaladora.

As ninfas do bosque, ao encontrar o corpo de Narciso, desmancharam-se em pranto, dispersando-se em vôos incessantes para anunciar a fausta notícia. Quando regressam para sepultá-lo, descobrem que seu cadáver havia desaparecido. Narciso morre e seu corpo desaparece, sendo transformado em flor, nascida no lugar onde definhou: flor amarela de pétalas brancas tingida pelo seu sangue, para ter a cor vermelha. Flor estupefaciente, sombra mortal, pórtico de tristeza e abandono! Triste constatação: outrora houvera um corpo revestido da mais sublime beleza que definhou ante o amor de si mesmo, para deixar, como legado, uma flor bonita, porém inútil por fenecer depois de uma vida muito breve. Tão desqualificada pela sua esterilidade, quanto pelo seu odor soporífero; flor narcotizante e venenosa. Eis a herança maior de Narciso para a flor que leva o seu nome: narcose e esterilidade!

A flor Narciso tem características singulares: úmida e fria, bela e de odor muito forte, capaz de capturar aqueles que dela sentem o perfume. Preferida dos deuses infernais que habitam as regiões subterrâneas da terra, é flor mortuária escolhida para as coroas que enfeitam os mortos. Plantadas sobre os túmulos, como era de hábito, simbolizam o sorvedouro da morte, mas de uma morte metaforizada como sono. Como floresce somente na primavera, seguindo o ritmo das estações, prende-se à simbólica das águas para, paradoxalmente, indicar fecundidade, o que configura o ciclo morte, entendida como sono e renascimento. Tem propriedades narcóticas de anestesiar os nervos e provocar um torpor profundo. Não por acaso. Anestesia, narcose, amor, ódio, vida e morte: eis Narciso representando a ilusão que aliena e narcotiza, apaixonado por uma quimera, uma mera ilusão sem corpo! Não pode evitar o poder maléfico do espelho das águas! Ao mirar-se nelas, encontra o fascínio que anuncia a morte. Apaixona-se por uma ilusão inconsistente, uma sombra projetada nas águas, cuja forma é bela, mas sem conhecê-la como seu reflexo. Beleza: eis aquilo que captura Narciso num além onde somente há o desejo.

O que seria o amor de Narciso pela imagem, senão a procriação do belo? Mas não estaria, nesse encontro, a única possibilidade do homem encobrir a realidade da morte? Ora, certamente a beleza é a capa da ilusão. Os deuses são belos e por isso não morrem! O que há então na beleza da primeira imagem produzida pelo olho senão o êxtase de uma descoberta? A beleza, sendo aquilo que se evidencia como espetáculo cativante pelo olho, faz o humano situar-se no plano da vidência para assim tornar-se visível. O olho arrasta as coisas do mundo para representá-las no psiquismo. A supremacia do olhar é de natureza tal que inviabiliza o sujeito se escolher como diferente, querer ser como também querer não ser.

Quanto a isso não há escolha. O olhar é uma espécie de pensamento que decifra enigmas quando trata as imagens como ilusões. No tocante à beleza, o olho produz um atributo que é imputado à coisa. Daí o belo ser o enigma emaranhado, de atormentadoras sensações, nas raízes do ser como impalpável e inacessível. É preciso ver o olho produzindo o belo! Eis o que faltou a Narciso: ver no olho aquilo que se olha! Sem ser nem um pouco vidente, por não saber que é o olho quem produz o belo, Narciso ficou preso às amarras do visível, no ato de captura do belo produzido pelo olho, no eterno encantamento do circuito da beleza. A condenação maior de Narciso ao se captar na imagem foi a de não saber que a beleza é o atributo produzido pelo olho acrescido à coisa. Por isso, o belo é um enigma das profundezas do ser, inacessível às sensações. A sede onde se encontra essa máquina potente é o corpo quando serve de ancoradouro ao desejo da alma em possuí-lo. Olho: abertura do corpo, revestido do desejo da alma, ao mundo.

Diferentemente da ciência, o olho produz o belo nas coisas para nelas se alojar, dando-lhes singularidade. A ciência, pela técnica, manipula as coisas, mas renuncia a habitá-las. A produção do belo pelo olho é a forma de compensação para que alma suporte carregar o enfadonho fardo que é o peso do corpo: a beleza deixa alma contente, aprisionada no corpo, somente quando o olho se ocupa de realizar a infinita criação de imagens. Talvez encontremos nisso a razão pela qual Narciso não pôde abandonar o olhar dirigido à sua imagem, para não fazer sucumbir a alma numa escura prisão, onde cessa toda a esperança de amor e acesso às coisas.

Mas todo o empreendimento de Narciso, ante a presença do belo, conduziu-o à morte. Pelo ato de morte face ao belo, Narciso representa a auto-admiração, desencadeada por uma imagem e conseqüentemente a auto-estima, devida ao amor. Eis a lição que depreendemos de Narciso: morrer pela admiração para então fugir da idealização da ninfa Eco que, ao fazer sempre a remissão do mesmo, interessou-se pelo diferente! Só não contava que Narciso fosse o belo indiferente, cujo olhar para o interior não se fazia contínuo com o olhar para fora! Mas, por repetir os últimos sons do que ouvia, Eco jamais poderia declarar-lhe o amor. Mesmo assim, simboliza a sombra da alteridade, como a contínua busca do sujeito pelo encontro e pela entrega a outrem, donde se configura o recurso insistente do homem na sua árdua caminhada em busca do reconhecimento.

Mas indagemos: por que Narciso não corresponde aos apelos desesperados de Eco? Primeiro, pelo fato de que esta somente lhe devolve sons e, sendo Narciso filho águas, seu destino já estava traçado: não conseguir escapar da imagem e ser mortalmente tragado. Coube a Eco, mesmo apaixonada, a tarefa de repetir tal destino, impulsionando Narciso, cada vez mais, ao perigoso e enganador movimento das águas que levou ao triunfo da morte; mas a morte de um duplo, a dualidade das águas (o rio e a fonte), com a opção, nada alentadora, de uma outra dualidade: o eco de uma imagem lançada ao infinito. Da dualidade das águas à dualidade dos sons, transita Narciso. Para fugir do efeito atormentador da repetição de sons, Narciso caminha para a água e cumpre seu destino: ser, no espelho translúcido das águas. Somente pelo encontro com as águas poderia apaixonar-se por si mesmo. Sem as águas, Narciso não teria nascido, não teria se amado demasiadamente e nem teria morrido! Mas não esqueçamos: o motivo que levou Narciso às águas foi a fuga de uma paixão que o perseguia. Narciso foge de Eco e acaba por se ver, tornando-se prisioneiro do amor a si. O enamoramento exagerado de si mesmo e a busca do objeto de amor na própria imagem significam o encontro com a morte.

Eis com o que se deparou Narciso ao fugir e desprezar Eco. Ao ver uma imagem, Narciso foi capturado pelo belo. Numa espécie de linguagem muda, quis se apoderar do objeto forjado ante sua visão, extraindo assim do invisível (MERLEAU-PONTY, 1969), numa espécie de vidência, os ardores que sentia. Tomado por sensações múltiplas, acaba por voltar-se apenas para o movimento sinuoso e inebriante que se produzia em seu corpo. Nessa abertura ao mundo, não se interessa por outros amores: somente lhe interessam os ardores que sente! Desse modo, Narciso é o símbolo da auto-admiração enquanto Eco, que jamais foi correspondida em seu amor, representa a alteridade, ou, pelo menos, a constante tentativa de o homem entregar-se a outrem. Com isso chegamos aos três grandes eixos que giram em torno do drama de Narciso: a questão da imagem como efeito de duplicidade, a alteridade representada pela paixão da ninfa Eco no interesse pelo outro e a morte como destino.

Do amor pelo diferente, simbolizado por Eco, ao amor por si mesmo, representado por Narciso e que o levará à morte, encontramos uma simetria especular repleta de imagens e de sons. Ofereçamos nossos ouvidos para presenciar o diálogo expresso nas deliciosas palavras de Ovídio: “Narciso: Aqui não há ninguém? Eco: Ninguém. Narciso: Venha aqui, reunamo-nos! Eco: Unamo-nos”. (OVÍDIO, 1990, p. 11).

Eis Narciso ante uma encruzilhada sem saída, pois o destino somente se cumpre no momento de sua ocorrência, nunca antes. Sendo assim, proferiu o oráculo que do encontro com a imagem só restaria para Narciso a morte! E, quando Narciso encontra-se frente às águas, o destino se fez cumprir. Eco não tem condições de proferir um discurso que lhe seja próprio, apenas reproduz a palavra, afetada de pequena diferença. No mergulho ao universo fascinante do amor (FREUD, 1914/1993), temos que o amor narcísico se constitui na exigência de criação de um outro a partir de si, quer dizer, produzir e amar um outro a partir de si mesmo. Eis o

outro sendo o suporte e ilusão de amor, de relação enganosa e fundamentalmente mortífera, uma vez que tudo se passa como se fosse necessário primeiramente destruir o objeto para depois construí-lo.

Assim oscila Narciso: da vida à morte! No mito, o triunfo é da morte e da destrutividade após a subordinação do sujeito à captação da imagem refletida nas águas. Eis a captação amorosa, produzida pelo espelho das águas cristalinas: sem águas que sirvam de espelho não há imagem. A imagem é então o ponto de entrecruzamento onde se fundem a relação identificatória e a amorosa, forjando assim uma ilusão que funciona como realidade.

O amor narcísico implica, sabemos, algo que está para além do espelho. O espelho não é apenas o reflexo de uma imagem, repetição do mesmo, mas um possível lugar de encontro onde se produzem as diferenças. Assim constatamos que o encontro especular não é neutro - o que nos faz pensar que no amor uma questão é posta: o espelho detém o sujeito num aprisionamento libidinal de tal modo que o reflexo especular corresponde a algo enigmático que é o amor a si mesmo como investimento. Desse modo, o olhar narcisista dos pais pode promover, no encontro amoroso com o filho, não a condenação à morte, mas o viver pelo movimento de abandono do próprio narcisismo.

Eis a importância da funcionalidade do “espelho do amor” na clínica psicanalítica, onde o amor é evocado na transferência. Vinda do registro que toca o amor, a transferência é um obstáculo e, ao mesmo tempo, a mola exigível e necessária. Disso então depreendemos que o amor evidenciado no espelho das águas a Narciso (e por que não, ao analisante?), focaliza o lugar da imagem do belo como o lugar capaz de engendrar o movimento erótico contrário à paralisação psíquica traduzida pelos ruídos da pulsão de morte (KRISTEVA, 1987). Sabemos, o que força o sujeito a buscar uma análise é seu sofrimento pela falta de amor, sentida como perda de potencialidade. Dai ser necessário construir um espaço que conserve a distância suficiente para permitir o encontro com suas fantasias, mas que diferentemente de Narciso, não deixe de incluir o outro nessa empreitada.

Eis o que nos ensina a psicanálise: o sujeito se constitui a partir de níveis diferenciados de encontros com o representante da espécie, sem ser de nenhum modo apenas um produto da cultura ou da razão. Há o amar e o ser amado que formam um circuito necessário ao manter-se vivo. Na ausência de um desses pólos, quer dizer, o amor remetido apenas a um fundamento narcísico imaginário sem referência à mediação simbólica, faz coalescer o sujeito e a miragem de seu desejo, ou seja, há a confusão da imagem com o si mesmo, o que redundará em o sujeito perder-se de si tal como em Narciso que somente viu o reflexo de sua imagem como sendo “nada em si mesma” (OVÍDIO, 1995, p. 17).

O mito encerra a profética advertência de que é preciso, ao animal falante, ser investido libidinalmente para que haja o amortecimento do desamparo próprio de sua condição, mas que

esse investimento não seja apenas o de reproduzir o mesmo. Tem de ser implantada a diferença e esta tem de emergir. Eis o que ocorre na erogeneização do corpo com a possibilidade de ingresso na ordem humana, processo do que resulta a constituição do Eu, produzida na assunção do corpo narcísico atrelado ao reconhecimento de si como totalidade não mais confundida a uma imagem.

Assim vemos que o narcisismo é o “ensaio impossível de resumir” (FREUD, 1914/1993), que marca a circulação do amor culminando com a morte, trazendo implicações para a clínica psicanalítica. Há que se considerar no narcisismo que designa “a emergência de um perfil inédito do sujeito nas suas relações consigo próprio e com o corpo, com outrem, com o mundo e com o tempo” (LIPOVETSKY, 1983, p. 48), aquilo que é diferença, o que não se deixa capturar como mesmo, faz do amor narcísico, ao mesmo tempo, enigmático e estranho. Por isso é necessário reservar um olhar de iniciante à motivação maior que faz de alguém o artífice do ofício de escuta naquilo que seja o mais familiar e o mais estranho!

Referências

- COELHO, S. (1986) O espelho: de Narciso a Freud. *Céfiso*. 4, II,
- BRANDÃO, J. S. (2003) *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, v. II.
- FONTES, L. A. (1998) *Narcisismo e sujeito psíquico*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Tese de Livre Docência.
- FREUD, S. (1908/1993) *El creador literario y el fantaseo*. Buenos Aires: Amorrortu, v. IX.
- _____.(1914/1993) *Introducción del narcisismo*. Buenos Aires: Amorrortu, v. XIV.
- GRIMAL, P. (1982) *Dicionário de mitología griega y romana*. Barcelona: Paidós.
- GUIMARÃES ROSA, J. (1961) *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- KRISTEVA, J. (1987) *No início era o amor*. São Paulo: Brasiliense.
- LIPOVETSKY, G. (1983) *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d'Água.
- LECLAIRE, S. (1977) *Desmascarar o real*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- MERLEAU-PONTY, M. (1969) *O olho e o espírito*. Rio de Janeiro: Grifo.
- NIETZSCHE, F. (1977) *La naissance de la tragédie*. Paris: Gallimard.
- OVÍDIO. (1995) *Les métamorphoses*. Paris: Les Belles Lettres, t. II.
- PLOTIN. (1990) *Traité 50*. Paris: Éditions du Cerf.

PONTALIS, J. B. (1978) *Entre el sueño e el dolor*. Buenos Aires: Sudamericana.